

D. Antonio de Trueba

I

No volume antecedente do *Archivo Pittoresco* escreveu o auctor d'estas linhas, a proposito de um poema de Augusto Briseux, um artigo intitulado *A poesia das tradições*, em que pretendeu demonstrar quanto é suave e digna da attenção do publico a tendencia de alguns escriptores para conservarem accesa, por baixo da camada de gelo com que a civilisação actual, demasiadamente niveladora, reveste o mundo, a chamma sagrada das tradições de outr'ora, chamma que illumina com doce luz o lar domestico, e que nunca se apaga se o sentimento da familia, essa pura vestal, a vigia constante.

A poesia das tradições tem na Hespanha, como na França, o seu representante, ou antes os seus representantes, porque a Hespanha é um paiz menos de progresso do que a França, e porque, se as grandes instituições do seculo XIX alli menos facilmente se estabelecem, tambem com muito menos facilidade se desenraizam do coração do povo aquelles velhos sentimentos, que foram a honra dos nossos avós, e que hoje mesmo são respeitaveis ainda quando se transformam em preconceitos e se oppõem vigorosamente ás innovações do espirito do tempo.

Por isso o que em França é unicamente a convicção ou a aspiração de um ou de outro escriptor, é em Hespanha a bandeira de uma eschola litteraria, se não de todo triumphante, pelo menos apoiada nas sympathias de uma grande parte d'essa nação toda de habitos, de tradições, de velhos fóros e de antigas usanças.

Essa eschola, que presta, infelizmente, o auxilio da sua influencia suavissima ao partido anti-liberal, que tem a Hespanha esmagada debaixo do seu joelho de ferro, possue por corypheus dois dos mais bellos talentos da litteratura hespanhola — Fernan Caballero e D. Antonio de Trueba.

Aquelle, delicado talento feminino, que se esconde, como a auctora de *Lelia*, debaixo de um pseudonymo varonil, escreve, do fundo da Andaluzia, magnificos romances de largo desenho, de vigorosos caracteres, de bem traçado enredo, onde defende com rara habilidade as suas idéas, pouco sympathicas ao espirito do seculo XIX, envolvendo sempre a these anti-liberal na tunica doirada de um estilo magico. D. Antonio de Trueba, filho da Biscaya, poeta de meiga inspiração, romancista de suavissima palheta, canta, nos seus versos de uma singeleza inimitavel, todas as doces crenças do seu paiz, e, lançando na téla dos seus romancinhos os quadros mais encantadores do lar domestico, onde as tradições, quantas vezes de sangue e de oppressão na praça publica, se conservam purificadas pelo anjo da familia, defende zelosamente o velho espirito nacional, e repelle, em nome da poesia do campanario, a invasão despoetisadora das novas idéas liberaes.

Debaixo do ponto de vista politico, lastimo que dois escriptores de tamanho vulto se esforcem por conservar a Hespanha presa nos laços da tradição; debaixo do ponto de vista litterario, reconheço que nunca houve influencia mais legitimá do que a exercida por elles, e principalmente por D. Antonio de Trueba, no animo do povo. É o singelo cantor das suas alegrias e das suas recordações, o pintor commovido das scenas da sua existencia. Suspensa nos ramos do salgueiro, a sua lyra vibra docemente quando lhe passa nas cordas a brisa que vem da aldeia natal, perfumada de saudades, impregnada em todas as emanações nativas do solo. E a penna do romancista, correndo no papel, não encontra senão idyllios encantadores, frescos e singelos, que justificam plenamente o titulo que elle deu ao seu mais bonito livro de novellas: *Contos côr de rosa.*

II

A Biscaya é como que a Bretanha do reino hespanhol. Tanto a provincia franceza como a provincia

hispanica tem esse aspecto austero, que parece traduzir nos accidentes da natureza a indole energica dos habitantes; nos fraguedos biscaynhos, como nos areiaes bretões, a vaga quebra, soltando os seus longos choros, e a tempestade frequente enche de confusos rumores a solidão das praias, e cinge com um véo de phantastica espuma o cume ennegrecido dos penhascos. Nas provincias vascongadas, como no velho ducado occidental da França, conservam-se intactos ou quasi intactos no idioma usual do povo os vestigios d'essas raças primitivas que oppozeram uma tenaz resistencia á invasão niveladora dos romanos. Se o baixo-bretão é reconhecido pelos sabios como a lingua celtica, a lingua dos antigos habitadores da Gallia, ha tambem todas as probabilidades para que se supponha que o vasconço é uma das linguas falladas pelas tribus que habitaram a Iberia. Se os armoricanos foram os ultimos povos que Cesar pôde jungir ao seu carro de triumpho na Gallia conquistada, foram tambem na Hespanha os cantabros os ultimos que o ovante Augusto submetteu. Se a Bretanha defendia sempre com tenacidade os seus velhos foros, e se sujeitou com repugnancia á unificação da monarchia franceza, luctaram tambem as Vascongadas intrepidamente para conservarem as suas isenções, e só se fundiram na unidade da monarchia hespanhola com a condição expressa de serem respeitadas as leis provinciaes promulgadas á sombra da arvore de Guernica. Finalmente, se a Bretanha, quando rebentou a revolução franceza, foi o asilo dos defensores da legitimidade e das velhas instituições politicas e religiosas, foi tambem a Biscaya o ultimo baluarte do absolutismo da Hespanha, o campo de batalha onde a insurreição carlista por muito tempo resistiu aos esforços dos exercitos que apoiavam o throno de Isabel II e as instituições constitucionaes.

Foi a Bretanha a patria de Augusto Briseux; foi a Biscaya a patria de D. Antonio de Trueba.

«Na encosta de uma das montanhas que encerram um dos valles da Biscaya, diz o poeta no prologo de um dos seus livros, erguem-se quatro casinhas brancas, similhantes a quatro pombas escondidas n'um bosque de nogueiras e de castanheiros, quatro casas que não se descortinam de longe senão depois do outono ter desfolhado as arvores; foi ahi que eu passei os primeiros quinze annos da minha vida.

«Campeia no fundo do valle uma egreja, cujo campanario rasga a abobada folhuda, levantando-se com magestade acima das nogueiras e dos freixos, sem dúvida para mostrar como a voz de Deus se ergue acima da natureza. N'essa egreja dizem-se duas missas ao domingo: uma ao romper do sol, outra duas horas depois do sol nado.

«Nós, os rapazes, levantavamo-nos sentindo o primeiro gorgeiar dos passarinhos, para irmos á missa da madrugada, cantarolando e saltando por entre as cerradas moitas. Os velhos iam depois á outra missa. Em quanto nossos paes e nossos avós estavam a ouvil-a, ia eu sentar-me por baixo de umas cerejeiras que defrontavam com a nossa casa, e d'onde se divisava todo o panorama do valle até ao Oceano. Logo vinham ter commigo quatro ou cinco raparigas, côradas como as cerejas que pendiam sobre a minha cabeça, ou como as fitas que ennastravam as longas tranças dos seus cabellos. Pediam-me versos para os cantarem á noite, acompanhando-se com o pandeiro, debaixo das nogueiras, onde, em quanto os moços dançavam, os velhos se rejubilavam com as nossas alegrias.»

Esta paizagem, tranquilla e melancolica, estará presente sempre á imaginação do poeta quando se vir lançado pelos acasos da existencia no turbilhão da capital; estas primeiras scenas da infancia, com o perfume bucolico e patriarchal que respiram, hão de ser constantemente as inspiradoras da sua musa. Do seio tempestuoso de Madrid voltará os olhos marejados de lagrimas para a casa branca ensombrada pelas cerejeiras, para o campanario humilde dominando o docel verdejante do arvoredo, para o valle risonho que tem por limite a cortina de vagas do horisonte. É a esse panorama suavissimo que idéas de respeito liga! como todos os costumes tradicionaes tomam a seus olhos uma poetica fórma! como elle despreza, elle, a andorinha constantemente saudosa do seu ninho de primavera, essa civilisação cosmopolita, que tenta sacrificar ás grandes palavras de «patria» e de «liberdade» estes affectos locaes, e á grandiosa idéa da regeneração humanitaria os velhos preconceitos nacionaes, que faziam da realeza um culto!

Este amor exclusivo da familia e da aldeia, este respeito zeloso com que encerra em sanctuario recondito as primeiras flores que a mão piedosa de sua mãe lhe plantou no espirito infantil, será a corôa do seu talento, o penhor da sua originalidade.

Em quanto os outros poetas, levados pelo seu duplo ardor de vates e de peninsulares, se arrojam com enthusiasmo á torrente do progresso, e tentam arrastar o paiz, ainda recalcitrante, pela estrada que elles seguem com temeraria exaltação; em quanto essa phalange intrepida desenrola ao vento ardente das pugnas o seu pendão glorioso; em quanto as novas idéas se inoculam na litteratura hespanhola, e a transformam, e lhe dão um vigor novo e uma fórma colorida, D. Antonio de Trueba, singelo na fórma, timido na idéa, vôa em pensamento para o seu eremiterio da Biscaya, e ahi, rodeado de todas as frescas e santas memorias da sua doce infancia, canta as alegrias do lar, as perfumadas lendas da religião, fecha cuidadosamente o seu paraiso tradicional a todos os rumores do mundo exterior, pinta aos olhos dos seus leitores como terrivelmente malefica a arvore do saber, e encontra na sua palheta de romancista côres admiraveis de singeleza e de graça para debuxar os quadros, forçosamente monotonos, d'essa existencia sem peripecias.

A singeleza, eis o grande dote do talento de Trueba, já como romancista, já como poeta; uma singeleza desaffectada e espontanea, que nos commove sem que nós possamos adivinhar quaes foram os meios de que o escriptor se serviu para agitar docemente no nosso coração as fibras mais impressionaveis. O encanto da poesia actua sobre nós, como o perfume da violeta que de subito nos delicia quando despreoccupadamente subimos a encosta da montanha. Parâmos extasiados, olhâmos em torno de nós sem divisarmos o thuribulo occulto, d'onde se exhalou essa vaga nuvem de incenso. Depois de alguns momentos vemos então a nossos pés a violeta, a violeta rôxa, timida e modesta, mas mil vezes mais rescendente do que a flor opulenta do jardim. É porque a violeta nasceu alli toda impregnada nos succos nativos da serra; foi um raio do sol, um olhar de Deus, quem a fez desabrochar; foi a brisa agreste das solidões quem lhe reuniu talvez no modestissimo calice as delicadas essencias. É como a violeta o talento de D. Antonio de Trueba. Todo o seu fino perfume lh'o deram as brisas, os succos fecundantes da terra natal, e foi tambem á luz serena do olhar de Deus que desabrochou, santo e bemdito, porque só o inspiram as alegrias do lar, os castos amores, e as doces tradições que florescem á sombra do campanario rustico.

III

A vida de D. Antonio de Trueba é simples e pura como os seus livros. Nasceu n'esse valle da Biscaya que tão suavemente nos descreve, no dia 24 de dezembro de 1821. Aos quinze annos foi a Madrid em-

pregar-se no commercio. As horas que podia furtar ao seu humilde trabalho consagrava-as ao estudo apaixonado dos velhos livros, quando a saudade o não inspirava, murmurando-lhe ao ouvido os versos que elle mal ousava confiar ao papel, e que logo escondia timidamente, ou porque não conhecesse ainda todo o valor que elles tinham na sua mesma singeleza, ou porque temesse profanal-os, arrojando á publicidade essas intimas flores de um espirito scismador, que se comprazia em traduzir as suas impressões nas melodias afinadas pelo alaúde popular.

Aos vinte e cinco annos, acontecimentos imprevistos fizeram-n'o abandonar a carreira commercial. Foi então que procurou no trabalho jornalistico os meios da sua subsistencia. Entregava-se havia algum tempo a esse trabalho de escriptorio typographico, pouco menos embrutecedor do que o de caixeiro, quando um amigo surprehendeu á sua modestia a confidencia de algumas poesias admiraveis de graciosa naturalidade e de commovente singeleza. Os applausos do seu confidente moveram D. Antonio de Trueba a publical-as; e o *Libro de los cantares* appareceu, levantando em toda a Hespanha um grito unanime de enthusiasmo.

O que disse já do talento de Trueba dispensa-me da apreciação do livro, tanto mais quanto um dos nossos mais notaveis poetas, o sr. Bulhão Pato, está, segundo me consta, completando uma traducção d'esses bellissimos cantos, flores que a imaginação de Trueba desfolha indolentemente no rio da phantasia popular, e que o povo acceita com enthusiasmo, como acceitou essas composições admiraveis dos poetas desconhecidos que fizeram do vasto *Romancero* hespanhol uma *Iliada* menos compacta, mas tão formosa como a de Homero.

Bulhão Pato, ainda que portuguez, é compatriota de Trueba. Nasceu o nosso grande poeta na linda cidade de Bilbao, capital da Biscaya. Tambem o seu genio poetico, ainda que mil vezes mais namorado da livre phantasia do que o de Trueba, tem, apesar d'isso, com o d'este alguns pontos de contacto pela espontaneidade e pelo encanto, para assim dizermos, intangivel, que perfuma a phrase mais simples com todas as fragrancias da poesia. Assim, o genio de Bulhão Pato, ainda que rigorosamente não se possa dizer irmão do de Trueba, reune, comtudo, as qualidades necessarias para ser o seu melhor interprete. Com effeito, pude já ouvir algumas das traducções, e afianço que, em portuguez como em hespanhol, ficaram sendo umas pequeninas obras primas, e que as perolas d'esse rosicler, que se chama *Libro de los cantares*, passando a entrelaçar-se na grinalda composta por Bulhão Pato, não perderam nem a sua transparencia, nem os seus reflexos nacarados.

Como romancista, podem os leitores do *Archivo* apreciar Trueba, porque as melhores novellas dos seus *Contos côr de rosa* e dos seus *Cuentos campesinos* appareceram nas paginas d'este jornal, traduzidas com perfeição notavel pelo nosso collaborador e amigo, o sr. Brito Aranha, vulgarisador incançavel da litteratura hespanhola no nosso paiz, que tanto a desconhece.

N'esses contos deliciosos encontraram de certo os leitores as qualidades que eu apontei, e tambem uns reflexos d'esse nimio respeito da tradição, que o torna ás vezes injusto para com o espirito moderno. Se esse sentimento nobre e santo, mesmo nas suas exaggerações, lhe inspira ás vezes um quadro tão primoroso como o da novella que o sr. Brito Aranha traduziu com o titulo de *Abençoada seja a familia*, outras vezes (rarissimas, é certo) impelle-o a fazer uma satyra injusta, que se transforma em caricatura, dos costumes estrangeiros e das idéas da civilisação moderna, como se vê no conto *Da patria ao ceo*, que tambem figurou traduzido nas columnas do *Archivo*. É o mesmo na poesia; são as mesmas qualidades arrebatadoras e a mesma tendencia desfavoravel para o seculo, mas realçadas aquellas e suavisada esta pela moldura de oiro da estrophe, onde o seu pensamento se enquadra. Demais, essa tendencia não me foi necessario adivinhal-a; o proprio Trueba se vangloria d'ella em uma carta escripta a Antonio de Latour, litterato francez que admira sinceramente o poeta hespanhol, e que partilha tambem um pouco, devemos confessal-o, o seu modo de pensar.

O trecho da carta que citâmos vem transcripto nos *Études littéraires sur l'Espagne contemporaine* de Latour:

«Proponho-me, diz Trueba, cultivar a poesia popular, ainda que as minhas forças sejam debeis para tal designio. Mas dir-lhe-hia um eterno adeus se tivesse de procurar os applausos ridiculisando a fé religiosa do povo, falseando o sentimento monarchico, que é, digam o que disserem, uma das feições principaes do genio hespanhol, ou maculando com a obscenidade as puras e delicadas flores da alma.»

N'este periodo revela-se effectivamente o caracter do poeta, com a castidade da sua inspiração e com as suas arraigadas convicções. Digamol-o tambem, a robustez da sua fé torna-se um dos grandes elementos do seu genio original. A flor da sua poesia não viçaria bem senão á sombra d'esses vetustos robles da velha crença hespanhola. M. Pinheiro Chagas.

A VARA DE AÇUCENAS

(TRADIÇÃO VASCONÇA DE TRUEBA)

I

No profundo e estreito valle onde a buliçosa corrente do Cadagüa vae encontrar-se com o mar, que estende um dos seus braços para recebel-a, ha uma alta e soberba ponte. A ponte de Castrejana, que este é o seu nome, foi começada a construir pelo mestre Pedro Ortiz de Lequeitio, aos 9 de junho de 1435, e concluida a 4 de maio de 1436. Dizem isto uns curiosos apontamentos historicos que se encontraram pelo anno 1730, entre os papeis de um frade de Santo Agostinho, de Bilbao; mas o povo sustenta que o tal mestre não fez mais que apropriar-se de uma obra que tinha custado muitos suores ao diabo, pois este infeliz (que não vê o rosto a Deus), e não outro, foi o verdadeiro constructor da ponte de Castrejana.

Contâmos esta curiosa historia tal como a contam os habitantes de Iraúregui e Zubileta, os quaes affirmam que desde que o mestre Pedro Ortiz de Lequeitio usurpou ao diabo a gloria de ter construido a ponte de Castrejana, o diabo está tão zangado com os plagiarios, que logo que os apanha em sitio azado, faz com elles as maiores barbaridades.

Existia em 1485 na margem direita do Cadagüa uma pobre casa, rodeada de formosa horta, e ao mesmo tempo cercada de bellas arvores de fructo, e por detraz da casa estendia-se pela falda de Pagazarri um loução pomar de maçãs.

Na casa de Castrejana, que assim se chamava a que tão ligeiramente descrevi, vivia uma pobre viuva que tinha uma filha de dezoito annos chamada Catharina.

Era Catharina a gloria e encanto do valle, e desde Burceña até Alonsótegui não havia quem não a admirasse pela formosura e a amasse pela bondade. Sua mãe era já anciã e mal podia attender aos cuidados da casa; mas a laboriosa menina suppria perfeitamente a falta de homens que attendessem ao cultivo da horta e do pomar, ao cuidado dos gados, e á conducção e venda, na praça de Bilbao, da fruta, do leite

e da hortaliça, que eram os principaes recursos de que subsistiam as pobres moradoras de Castrejana.

Catharina trabalhava sempre, e sempre mostrava alegria; ia cantando á fonte, situada junto de um castanheiro do outro lado do rio, e cantando voltava; ia cantando a Bilbao, e cantando regressava tambem, menos ao passar pelo castanheiro de Altamira, onde sempre suspendia por alguns instantes o seu canto; e cantando trabalhava na horta, recolhia a fruta das arvores, ou guiava o gado nas ladeiras do Pagazarri.

Do outro lado do rio estava a casa de Iturrioz, cujas herdades se estendiam até proximo da fonte do Castanheiro, da qual, sem dúvida, tomava o seu nome equivalente a Fonte-fria. Sempre que Catharina ia á fonte, travavam alegre conversação com ella os rapazes de Iturrioz que trabalhavam n'aquellas herdades, e o mais velho d'elles, que se chamava Martinho, apressava-se em descer para o vallado que dava sobre o caminho da fonte, para a obsequiar com a melhor fruta que havia nas arvores da herdade.

Martinho e Catharina amavam-se quasi desde meninos, e seus paes tinham combinado casal-os assim que terminasse a lavra para semear o milho, que se faz no mez de maio, e na qual Martinho queria ajudar seus paes e irmãos antes de passar a viver na herdade de Castrejana.

II

Por uma noite muito escura e tempestuosa um homem chamou á porta da herdade de Castrejana, e Catharina, que se preparava a fim de rezar com sua mãe o santo rosario junto do lar, tomou a candeia, e, assomando á janella que estava sobre a porta, perguntou ao forasteiro o que pretendia d'aquella casa.

— Venho de Bilbao e vou para Galdemes, respondeu o forasteiro, que á luz da candeia viu Catharina ser um mancebo vestido de negro. O Cadagüa deve estar já invadeavel, e a noite é má para atravessar esses altos e quebrados montes por onde tenho que fazer a jornada. Dêem-me poisada esta noite para que depois de amanhecer possa continuar sem risco o meu caminho.

Catharina consultou sua mãe, e, de accordo com esta, abriu a porta ao forasteiro.

Era o mancebo de physionomia formosa e voz dulcissima; porém a sua voz e a sua physionomia tinham um não sei quê que lhe destruia todo o encanto: os olhos brilhantes, o sorriso perpetuo, e a accentuação compassada e melodiosa, incommodavam em vez de agradarem.

Em quanto o forasteiro conversava com a mãe e a filha, esta preparou-lhe uma modesta mas appetitosa ceia.

Quando o forasteiro acabou de ceiar, a anciã disse-lhe:

— Ainda não rezámos o rosario, e se é do seu agrado póde acompanhar-nos a rezar.

O mancebo fez um gesto de desgosto, e respondeu que, como estava cançado e tinha que madrugar, preferia deitar-se.

A anciã tomou a candeia e guiou o forasteiro para o quarto onde lhe tinham preparada a cama.

A janella do quarto estava aberta, e entravam por ella os aromas que exhalavam as flores da horta, sacudidas pela chuva, e singularmente os de uma vara de açucenas que crescia quasi ao pé da janella e se levantava á altura d'esta.

— Que rico perfume despede a açucena da Virgem! disse a mãe de Catharina aproximando-se da janella.

O forasteiro fez outro gesto de desgosto e perguntou:

— E que açucena é?

— Uma que a minha Catharina cultiva todas as primaveras para offerecer á Virgem de Begonha.

O forasteiro fez outro gesto endemoninhado, e a anciã, conhecendo que tinha pouca vontade de conversar, deu-lhe as boas noites e retirou-se.

Catharina e sua mãe rezaram o rosario e foram-se deitar.

O quarto onde a mãe e a filha dormiam tinha uma janella que tambem dava para a horta e estava na mesma fachada que a do quarto do forasteiro.

Antes de fechar a janella, Catharina assomou ao peitoril a fim de respirar o aroma das flores, e viu com tanta surpresa como desgosto que o forasteiro deitava a mão direita fóra da janella, e que esta mão empunhava um cajado com o qual procurava alcançar a vara de açucenas, sem dúvida para quebral-a.

— Ai, que vae fazer? perguntou Catharina sem poder conter-se. Jesus! aquelle homem é o diabo!

E a mão armada desappareceu.

A anciã fallou então á filha do desgosto que mostrára o forasteiro quando soube que aquella vara de açucenas estava destinada á Virgem, e Catharina, receiosa de encontrar pela manhã destruida a formosa planta, que com tanto amor e esmero cultivára, desceu á horta, cortou a vara de açucenas e a trouxe para o seu quarto com o maior cuidado para que não se quebrasse.

(Continúa)

ARCHIPELAGO DOS AÇORES

ILHA DE S. MIGUEL

CIDADE DE PONTA DELGADA

As sereias dos antigos, esses monstros que se erguiam do seio dos mares attrahindo os navegantes para o sepulchro das ondas pelos deslumbramentos de meio corpo de mulher, e pelos enlevos de seductoras harmonias, eram creações phantasiosas da poesia mythologica, desthronadas do maravilhoso que as envolvia pelo positivismo dos modernos tempos.

As sereias do Atlantico deixaram de ser

As Siculas donzellas nadadoras,
Aos incautos baixeis sempre traidoras,
Que, quando com a voz e lyra encantam,
Um naufragio imminente aos nautas cantam;

e transformaram-se em ridentes povoações, banhando-se garbosamente nas aguas cristallinas, coroando-se de verduras e flores, a que um clima suavissimo, um ceo limpido e um sol esplendente sobredoiram de enlevos que plantam na alma os affectos e inebriam os corações do mais suave e grato perfume do amor e da saudade.

Os nautas não se arreceiam de encontral-as, antes as buscam pressurosos, porque tem a certeza de achar junto d'ellas quantas doçuras offerecem os viçosos oasis aos cançados viageiros de vastos e ardentes oceanos de areia; porque sabem que, depois de perigosa lucta com os revoltos elementos, em que se lhes quebraram mastros, rasgaram velas e viram prestes a soçobrar o bergantim ligeiro, aqui lhes sorri dos horisontes o sant'elmo formoso, assegurando-lhes os gozos de festejada bonança e promettendo-lhes fagueiras brisas para leval-os a cabo de esperançosa derrota.

Ponta Delgada é para nautas e viajantes uma das mais bellas e seductoras sereias modernas. Vem amorosamente beijal-a as ondas; reclina-se ella n'uma área de bellas accidentações que lhe permittem offerecer á vista do amador e do curioso muitos dos primores de que se desvanece, e emmoldura-a um quadro de tão formosas galas naturaes, que o pincel mais inspirado em vão se esforçaria por esboçal-as.

É uma sylphide arrebatadora tendo por bosques as

pompas dos jardins, e por dominios os oiteiros, guarnecidos de frondoso e fructifero arvoredo, campos aonde as messes lourejantes ondeiam á mercê das brisas, testimunhando a feracidade de um solo privilegiado, tendo o murmurar das vagas, o gorgeiar das aves e o rumorejar das auras a entoar-lhe continuamente sublimes estrophes de um mago hymno de louvor.

É com attractivos assim que enleia e prende o poeta, o philosopho, o naturalista, o pintor e o economista, e quantos nas bellezas naturaes e artisticas, nos productos do trabalho e nos progressos da civilisação, acham motivo para bem entendido regozijo.

Ponta Delgada é já hoje um bom centro de actividade mercantil e maritima; e virá a ser um dos nossos maiores emporios commerciaes, se a situação geographica em que se acha, a meio dos continentes que mais permutam, se aproveitar quanto ella está promettendo, depois de completo o seu porto artificial; e se, ligada pela telegraphia electrica com a Europa e America, se der execução á lei que já a considerou como porto de deposito.

Presentemente, o seu rendimento de mercadorias excede a 2.000:000$000 réis por anno, sobre as quaes a fazenda cobra um direito de 150:000$000 réis. Ha vinte annos ainda este direito só attingia metade d'aquella somma, o que demonstra como caminha rapido o desenvolvimento do commercio.

Na sua alegre e vasta bahia fundeiam annualmente 500 embarcações, quasi exclusivamente empregadas nas operações mercantis d'esta praça com as de outros paizes.

Em 1507 era ainda Ponta Delgada pouco importante povoado, ao qual D. Manuel deu foros de villa. Quarenta annos depois, em 1546, por carta régia de 2 de abril, elevou-a D. João III á cathegoria de cidade, concedendo a seus moradores os mesmos privilegios de que gozavam os habitantes do Porto.

O desastroso terremoto de que resultou a subversão de Villa Franca, em 1528, contribuiu para que adquirisse com mais brevidade supremacia sobre as outras povoações de S. Miguel a já florescente villa. Até áquella data era Villa Franca a que mais preponderava, sendo a séde de todas as alçadas, judicial, administrativa, militar e ecclesiastica, residindo n'ella o capitão donatario, que então era Ruy Gonçalves da Camara, segundo do nome e quinto senhor da donataria.

Pela estatistica de 1863 habitavam as tres parochias em que a cidade se divide 15:756 individuos em 3:314 fogos. Attendendo á imperfeição com que se fazem os trabalhos estatisticos, ao augmento sempre crescente da população, póde-se, sem errar muito, avaliar em 18:000 o numero de seus habitantes.

A freguezia proxima, de S. Roque, que se confunde com a de S. Pedro, e se estende pela beira-mar ao lado direito da gravura, tem uns 500 fogos e mais de 2:000 habitantes. Por este motivo, a cidade, que occupa uma área extensa, afigura-se na estampa de maiores proporções. A rapidez com que Ponta Delgada se estendeu, como se observa nos logares da Calheta e Santa Clara, desconhecidos hoje para quem ha dez annos d'aqui saísse, deixa prever que, em futuro não muito remoto, assim aquella parochia de S. Roque, como outras convisinhas da cidade, serão n'ella encorporadas.

O amor pelo trabalho é um notavel caracteristico dos michaelenses. A indole moral d'elles corresponde em tudo áquella actividade com que se consagram ás lides quotidianas. A independencia de seu caracter afere-se pela grande dedicação que tem ás instituições liberaes, pelas quaes fizeram sacrificios de grande monta, sustentando emigrados portuguezes, victimas do absolutismo de 1832; aprestando e abastecendo a



Vista da cidade de Ponta Delgada, tirada da plataforma da doca, segundo um esboço do sr. Abranches

esquadra que d'este porto se partiu para o Mindello; e engrossando com seus filhos as fileiras do exercito libertador, á frente do qual se achava o imperador e rei D. Pedro IV.

Com este proceder de extremado civismo responderam os michaelenses a feitos de seus ascendentes, quebrando as algemas do jugo hespanhol em 1641, e levando grandes soccorros de braços e de dinheiro para vencer o leão castelhano, no ultimo e mais forte reducto portuguez em que sacudia a juba, o castello então de S. Filippe, na ilha Terceira.

(Continúa) F. M. Supico.

SCIENCIA POPULAR

A TRICHINOSE

I

Grande arruido vae por esse mundo a proposito da nova doença, cujos estragos lançaram susto e terror no seio da Allemanha.

Duas pestes e uma guerra fratricida, taes foram os flagellos com que a mão do destino fustigou os povos do Elba e Danubio.

Cholera, trichinose e Bismark são tres nomes que já hoje fazem arripiar de horror a pessoa menos atreita a sustos.

Que tripode fatidica e medonha! Que mais terrivel symbolo de mortes e angustias! Como confluiram para um fim commum aquelles tres elementos de destruição! Que mensageiros da morte!

Do Ganges, d'aquelles paues gigantes, em cujos golphões refervem miasmas, que seriam capazes de envenenar, não já o bom do Mithridates, senão o proprio trifauce do lago Stygio, saiu a cholera a ceifar victimas por toda a Europa.

Dos salpicões e do toicinho, torpes iguarias, que moiros e judeus aborrecem (não sei se do intimo da alma, porque taes perros é coisa que não tem, segundo rezam certos livros de grã nomeada, mas do intimo do bucho), surgiu a trichinose, doença terrivel que já hoje vae povoando os cemiterios.

Da hegemonia prussiana, em fim, nasceu... o sr. de Bismark, que, se não povôa os cemiterios, junca de cadaveres os campos de batalha.

Hegemonia prussiana! Será algum paul infecto, algum *bog* da Irlanda, algum *polder* batavo, de cujas aguas putrefeitas nascesse a carnificina de Sadowa?

Nada! Isto de hegemonia prussiana não é lago paludoso, não é *bog* ou *polder*. É coisa muito diversa, é coisa que ninguem entende. É uma idéa philosophica, é uma expressão politica. Da politica nasceu o sr. de Bismark, assim como do Ganges nasceu a cholera e do toicinho a trichinose.

Deixemos os dois primeiros flagellos que fustigaram a Allemanha, e fallemos agora do terceiro, com o qual, pelos modos, os coveiros se dão ás mil maravilhas.

II

Em primeiro logar apresentemos alguns factos.

Que a trichinose remonta á mais alta antiguidade, coisa é de si indubitavel. A lei de Moysés e as prescripções de Mahomet bem o estão demonstrando.

Nos climas quentes, adustos, aonde estanceiavam os sectarios d'aquelles dois legisladores, muito para temer era a carne de porco, animal immundo, animal que chafurda, como elles diziam, por envergonhada periphrase. Os christãos, porém, mesclando-se com as raças do norte, para as quaes as substancias gordas são indispensavel alimento, esqueceram-se de Moysés e dos seus dictames, nunca se lembraram do torpe Mafamede, e deitaram-se desenganadamente á carne de porco, como quem não tinha farturas que desperdiçar.

Em climas frios ou temperados é, de feito, a carne de porco excellente condimento e alimento muito aproveitavel, além de saboroso e sadio. Todavia, a medicina legal, que vae archivando, posto que nem sempre com bom criterio, todos os casos dignos de memoria, diz-nos que desde remotas eras já a carne de porco tinha produzido envenenamentos, os quaes deram a morte a muitas pessoas.

Ultimamente recresceram os casos fataes com bastante intensidade, a ponto de alguns physiologos, menos timoratos, inventarem o veneno do presunto e o veneno do salpicão [1]. Outros, mais comedidos, disseram tão sómente que no presunto havia acido cyanhydrico (acido prussico), acido carboazotico, acido cebacico, acido bolulinico, e uma serie de outros acidos capazes de envenenarem o mundo inteiro.

Em janeiro de 1851, nas cercanias de Hamburgo, adoeceram e morreram algumas pessoas depois de haverem comido presunto á tripa forra.

O que seria? As imaginações exaltadas viram logo um envenenamento melodramatico, acompanhado de circumstancias horrorosas. O pobre dono do açougue, aonde o estalajadeiro comprára a carne, por um pouco que não ficou com a cabeça decepada em holocausto aos manes das victimas.

Pouco tempo depois acontecia um caso identico em Meuenburgo. Oito individuos almoçaram presunto e chouriço. Accommetteu-os uma febre violenta, e quatro morreram. Os outros quatro nunca mais gozaram boa saude.

O misero estalajadeiro fugiu para a America por se furtar á acção da policia, que, apesar de não encontrar veneno algum, queria *a fortiori* achar culpado em quem descarregar as iras.

O caso era que ninguem se lembrava de examinar a carne com o microscopio.

E comtudo, em 1835, o grande naturalista inglez Owen examinou na carne de certos animaes uns corpusculos brancos, em cujo interior vivia um verme enroscado, ao qual chamou *trichina spiralis*.

Depois muitos outros naturalistas encontraram estes helminthos enkystados nos musculos do homem, no gato, no abutre, na toupeira, no porco, etc.

Em 1863, sendo o sr. Langenbeck, medico de Berlin, chamado para operar um homem que tinha um tumor no pescoço, viu que os musculos estavam cheios de trichinas enkystadas, as quaes, quando chegam a alojar-se em kystos, não são nocivas para o individuo que as traz, posto que, se passarem para o interior de outros individuos, podem causar-lhes a morte.

Esta verdade, porém, só foi demonstrada em 1860, pois até essa epocha ainda era opinião assente a innocencia e inocuidade das trichinas.

No dia 12 de janeiro de 1860 entrou no hospital de Dresda um rapariga de vinte annos de edade, atacada de uma febre de caracter typhoide. Passados quinze dias, morreu. Fez-se-lhe a autopsia. O doutor Zencker examinou os musculos com o microscopio, aonde encontrou grandissimo numero de trichinas. Estas, em vez de enkystadas, apresentavam-se vivazes.

A esta observação seguiram-se milhares, e conheceu-se a final mais uma nova molestia, a trichinose, que em certos sitios chegou a tornar-se epidemia.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

[1] E coisa para rir esta mania de inventar nomes para coisas que não se conhecem. São os allemães muito atreitos a esta doença. Ao veneno do presunto chamaram *schinkengift*, e ao do salpicão *wurstgiff*. Ninguem se importou com tão arrevezadas denominações, e todos foram comendo presunto e salpicão, como se taes nomes nunca existissem. Verdade é que os nomes ninguem os enguliu.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

(Vid. pag. 89)

VI

DUQUES

Tambem este titulo é de origem romana. *Dux* é uma palavra latina que quer dizer capitão, e deriva-se do verbo *ducere* — conduzir. No tempo da republica romana, e ainda nos principios do imperio, dava-se este nome a todos os cabos de guerra ou chefes de tropa em geral. Mais tarde, quando as nações limitrophes do imperio romano, vendo que este ia caminho da decadencia, começaram, em represalia de mil affrontas e vexames, a accommetter e assolar as fronteiras d'aquelle vastissimo estado, reconheceram os imperadores a necessidade de applicarem toda a sua attenção e solicitude á defensa d'aquellas longinquas provincias, assim expostas ás correrias de inimigos barbaros e crueis.

N'este proposito trataram de mandar para as governar e defender capitães experimentados na guerra e na politica. Para que melhor desempenhassem tão ardua missão, concederam-lhes honras e privilegios para maior lustre e auctoridade de suas pessoas, e mercês lucrativas com que mais se excitasse o seu zêlo no cumprimento dos importantes deveres que o soberano e a patria d'elles esperavam.

A estes capitães foi dado por excellencia o titulo de *dux*, que então se estimou em mais que o de *comes*, que, por muito generalisado, ia perdendo valia, e permittiu-se-lhes que das terras que conquistassem ao inimigo tomassem uma parte para si, para a desfructarem durante a sua vida, no fim da qual devia reverter para o estado.

Com o correr dos tempos, indo já apressada a decadencia do imperio, vieram a abusar estes governadores d'aquella permissão, pois não sómente se apossaram de immensas terras quasi provincias, em que se comprehendiam territorios do proprio imperio, que constituiram em propriedades suas, mas até chegaram a legal-as aos seus descendentes, perpetuando d'est'arte nas suas familias o senhorio d'ellas.

Levadas as coisas a este ponto, taes funccionarios não se podiam considerar como simples governadores. Eram pequenos mas verdadeiros potentados. Eram potentados na extensão dos senhorios que foram adquirindo licitamente ou usurpando; e nas preeminencias, regalias e distinctivos que os imperadores continuamente lhes iam concedendo, ora como galardão de serviços, ora por temor, e d'esta sorte os obrigarem a lhes serem fieis.

Permittiu-se-lhes que, para qualquer parte que fossem, levassem arvorado diante de si o seu pendão, e atraz uma guarda de gente armada; que podessem usar de vestes vermelhas, de capacete e escudo doirado, de collar de oiro lançado ao pescoço, do balteo ou cinto militar de prata ou oiro, e de um annel d'este ultimo metal, com duas pedras, no dedo.

De certa epocha em diante começou cada um d'estes governadores a intitular-se *dux* da provincia que administrava.

Na destruição do imperio romano, alguns dos povos invasores adoptaram este titulo, de envolta com o de conde, como já dissemos. Foram d'esse numero os godos e visigodos, e logo que firmaram o seu dominio nas Hespanhas, estabeleceram nas suas fronteiras governadores a quem deram o titulo de *duces* ou *duks*, confiando-lhes, juntamente com o governo civil, o commando das tropas, a arrecadação dos impostos e a administração da justiça.

Acabou este titulo nas Hespanhas com a monarchia dos godos. Mas a esse tempo já o tinham generalisado no coração da Europa os lombardos, que tambem o haviam adoptado dos romanos, quando invadiram a Italia. Em breve, pois, se estendeu o seu uso da Italia á Allemanha, á França e á Inglaterra. Em todos estes paizes se lhe ligou mais consideração que ao de conde, e os soberanos, avaros d'elle, sómente o conferiam a membros da sua familia, ou aos mais illustres e mais ricos vassallos da sua coroa.

Introduziu-se este titulo em Portugal no reinado del-rei D. João I. Deram causa a esta innovação nos titulos de nobreza do reino os factos que vamos referir.

Foi o primeiro a vinda a este paiz do conde de Cambrigde, de sua mulher e de seu filho Duarte, aquelle terceiro filho de Duarte III, rei de Inglaterra.

Chegou o conde de Cambridge a Lisboa com tropas inglezas em 1381, em virtude da alliança celebrada entre o nosso rei D. Fernando e João de Gand, duque de Lencastre, filho segundo do dito rei Duarte, o qual, em sustentação dos direitos de sua mulher, D. Constança, filha de D. Pedro I, rei de Castella, disputava a successão d'esta coroa a D. Henrique II, irmão bastardo do fallecido rei D. Pedro I. Empenhou-se a lucta, mas o resultado não foi feliz, tanto para el-rei D. Fernando, que em breve se cançou e mudou de accordo, como para o campeão do pretendente inglez. Retirou-se este principe com a sua gente para Inglaterra, descontente del-rei de Portugal, e descoroçoado da empreza, porém a sua estada n'este paiz por mais de um anno começou a familiarisar os portuguezes com os costumes dos filhos da Inglaterra.

Entre este successo e os outros acontecimentos que determinaram a admissão do titulo de duque em o nosso paiz, mediaram poucos annos.

É sabido que por morte del-rei D. Fernando se ateou novamente a guerra entre el-rei D. João I de Castella, que pretendia sentar-se no throno portuguez pelos presumidos direitos de sua mulher, a rainha D. Beatriz, filha unica del-rei D. Fernando, e o mestre de Aviz, D. João, irmão bastardo d'este ultimo soberano, o qual se poz á frente dos portuguezes em defensa da independencia da patria.

Pendida em favor d'esta a balança dos destinos pela grande victoria de Aljubarrota, e offerecida a coroa d'estes reinos ao mestre de Aviz pelas cortes reunidas em Coimbra, um dos primeiros actos do novo monarcha foi enviar embaixadores e navios a Inglaterra, convidando e persuadindo ao duque de Lencastre que aproveitasse a occasião que se lhe apresentava propicia para vingar a morte violenta de seu sogro, el-rei D. Pedro I de Castella, e reivindicar para sua esposa a coroa que lhe andava usurpada.

O duque acceitou o convite, e, mandando aprestar algumas tropas, e uma numerosa armada de navios inglezes e portuguezes, embarcou-se n'ella com sua mulher e filhas, e muitos fidalgos da primeira grandeza de Inglaterra. A expedição foi desembarcar na Galliza, onde algumas terras se entregaram ao pretendente, acclamando-o rei de Castella.

Não tardaram a avistarem-se na raia o principe inglez e o soberano de Portugal para se ajustarem nas condições da alliança e no melhor plano da campanha.

Ou fosse pelo muito que cada um esperava do auxilio do outro para o completo vencimento do inimigo commum; ou porque succedesse, o que realmente succedeu, que a ambos tivesse concedido a natureza presença agradavel, caracter nobre e franco, e maneiras affaveis e insinuantes; o que é certo é que desde logo se cimentou entre os dois principes profunda affeição, não obstante a differença de edades, porque o duque de Lencastre era homem de 50 annos, e el-rei de Portugal de 29.

Estas reciprocas sympathias foram em breve ainda mais estreitadas pelos vinculos do parentesco. Tratou-se e ajustou-se o casamento de D. João I com D. Filippa de Lencastre, filha mais velha do duque de Lencastre e de sua primeira mulher, D. Branca, herdeira da casa de Lencastre. Pouco tempo depois, obtidas do summo pontifice as dispensas necessarias, em razão dos votos que ligavam o noivo á ordem de Aviz, de que era mestre, passaram os principes inglezes e el-rei D. João I á cidade do Porto, onde se celebraram as nupcias com grande solemnidade e apparatosas festas em 2 de fevereiro de 1387.

O duque de Lencastre, como não tivesse filho varão, desejou ao principio que el-rei de Portugal casasse com sua filha mais nova, D. Catharina, que, como representante de sua mãe, D. Constança, segunda mulher do duque, seria a herdeira presumptiva do throno de Castella. Porém o nosso monarcha, mais cheio de patriotismo que de ambição, e aproveitando as tristes lições que lhe legou el-rei D. Fernando, que tão caro fez pagar ao paiz as suas ambiciosas pretenções ao throno castelhano, teve o bom juizo de rejeitar a mão de D. Catharina, que havia de trazer a Portugal motivos de interminaveis guerras com o paiz visinho, preferindo a mão de D. Filippa, que promettia ser uma alliança de paz para todo o reino.

D'esta politica illustrada, que tanto utilisou a Portugal, resultou tambem um grande beneficio para a pacificação de Castella. Passados os primeiros ardores de uma lucta sem vantagens para o pretendente, e ruinosa para ambas as partes contendoras, el-rei D. João I de Castella fez propostas de paz ao duque de Lencastre, sendo a principal condição o consorcio do infante D. Henrique, filho del-rei e herdeiro da coroa, que veiu a succeder-lhe no throno com o nome de Henrique III, com D. Catharina, filha do duque. Foram acceitas as propostas e ajustado e concluido o casamento no anno de 1393.

Posto que nos iamos afastando do nosso assumpto com esta digressão historica, todavia, não se julgue inutil, pois nos serve para mostrar que certos usos de Inglaterra, que então se introduziram em o nosso paiz, nos vieram não tanto pelo casamento del-rei com uma princeza ingleza, como em razão da longa convivencia com diversos principes e tropas alliadas da mesma nação, e particularmente por effeito do trato e amizade do nosso rei D. João I com o duque de Lencastre e sua familia. As nossas rainhas por vezes introduziram no reino novas modas nos trajos, mas não nos usos e costumes publicos.

Decorridos annos, voltando el-rei da sua jornada de Ceuta, glorioso pela conquista de tão celebrada praça, e satisfeitissimo pelo valoroso procedimento dos infantes, seus filhos, que o tinham acompanhado áquella ousada empreza, resolveu galardoar o seu heroico esforço, creando-os duques, a exemplo do que praticavam os reis de Inglaterra, e de outros paizes do norte, para com os principes de sua familia.

Desembarcando el-rei com os infantes no Algarve (1415), logo ahi, na cidade de Tavira, fez duque de Coimbra ao infante D. Pedro, seu terceiro filho, e então immediato ao herdeiro da coroa, por ter fallecido o primogenito, o infante D. Affonso; e ao mesmo tempo creou duque de Vizeu o infante D. Henrique, seu quarto filho. Ao mais velho, o infante D. Duarte, não concedeu seu pae graça alguma, apesar dos brilhantes feitos de armas por elle praticados na tomada d'aquella praça africana. Este seu proceder explicou el-rei no discurso que dirigiu aos seus filhos, quando, perante todos os fidalgos e cabos de guerra que regressavam com elle de Africa, conferiu aos ditos infantes os dois ducados.

Vamos copiar das *Memorias del-rei D. João* I, por José Soares da Silva, o discurso real, pois que muitas pessoas ignoram o motivo por que este soberano deixou de premiar os serviços do herdeiro do seu throno n'aquella arrojadissima façanha:

«A todos os serviços se lhes deve dar premio, disse el-rei, conforme a sua graduação. Os que vós me tendes feito são tão relevantes, que só podem ter condigna remuneração no meu reconhecimento; mas para dar d'este dia algum indicio, não tendo com que premiar ao infante D. Duarte, mais que com todo o reino, de que é senhor, como herdeiro d'elle, vos faço a vós, D. Pedro, duque de Coimbra, e a vós, D. Henrique, duque de Vizeu, e pela despeza e trabalho que mais que os outros tivestes n'esta empreza, vos faço tambem senhor da Covilhã.»

As ceremonias da investidura do titulo de duque eram as mesmas, com pequena differença, que referimos a respeito do titulo de conde.

O personagem que ia ser elevado a esta dignidade saía de sua casa para o paço del-rei vestido em uma opa vermelha, forrada de pelles de arminho e aberta pelas ilhargas, ao uso dos antigos duques romanos; montando em um cavallo ricamente ajaezado. Seguiam-n'o, tambem a cavallo, e trajados com riqueza, todos os fidalgos seus parentes e amigos, levando os dois mais auctorisados a bandeira e o coronéo. Na frente da cavalgada caminhavam os reis d'armas e os menestreis, estes tangendo em seus instrumentos; e na retaguarda iam os criados do novo duque e dos mais fidalgos.

Chegado ao paço este lustroso prestito, os fidalgos que o compunham conduziam o agraciado á presença del-rei, que o esperava na sala do docel, e cercado dos officiaes-móres da sua corte. O soberano, depois de lhe dar a mão a beijar, dirigia-lhe uma falla, como a que el-rei D. João I fez a seus filhos, declarando-lhe as proezas e serviços pelos quaes lhe concedia, como premio, o titulo de duque. Acabada esta pratica avançava o novo duque até ao primeiro degrau do throno, onde ajoelhava com ambos os joelhos, fazendo outro tanto, um de cada lado, os dois fidalgos portadores da bandeira e do coronéo. El-rei tomava então das mãos d'estes, primeiro a bandeira, que entregava ao duque, e depois o coronéo, com que lhe cingia a cabeça. Concluida assim a ceremonia, voltava o duque para sua casa com as suas novas insignias e com o mesmo acompanhamento, e depois era convidado a jantar com o soberano em banquete de gala.

Entre as prerogativas concedidas aos duques contavam-se as seguintes: usarem nas funcções da corte e todas as mais vezes que lhes aprouvesse os mencionados trajos e insignias; poderem trazer diante de si um pagem com um estoque desembainhado, porém com a ponta para baixo, para differença dos reis, que trazem o estoque de ponta para cima; terem nas suas casas docel, e nas egrejas sitial, onde assistissem ás festividades; dar-lhes o diacono o missal a beijar nas missas, quando estas eram de tres padres; terem arautos e maceiros para os acompanharem nas solemnidades publicas; e, finalmente, sentarem-se diante do soberano em cadeiras sem costas, tendo em cima almofadas, ou coxins, como então lhes chamavam, de veludo.

Foram, pois, os infantes D. Pedro e D. Henrique as primeiras pessoas a quem foi conferido em Portugal o titulo de duque. E pois que d'este titulo sempre se tem feito em o nosso paiz grande estimação, não se conferindo senão a principes e pessoas aparentadas com a familia real, ou a individuos nos quaes a nobreza do sangue se alliasse a importantes serviços feitos ao estado, no seguinte artigo faremos uma resenha das pessoas a quem os nossos soberanos, desde el-rei D. João I até el-rei o sr. D. Luiz I, concederam aquelle titulo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.